

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semestre	Trim.	N.º	5.º ANNO — VOLUME V — N.º 133	REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO LISBOA, RUA DO LORETO, ESTRADA PELA RUA DAS CHAGAS, 42
	36 n.ºs	18 n.ºs	9 n.ºs	à entrega		
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$800	1\$900	6950	6120	1 DE SETEMBRO 1882	Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.
Possessões ultramarinas, (idem).....	4\$000	2\$000	-5-	-6-		
Estrangeiro (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	-6-	-6-		
Brazil (moeda fraca).....	15\$000	7\$500	-6-	-6-		



BRAZIL — MONUMENTO ERIGIDO NA CIDADE DO PARÁ, AO GENERAL HILARIO MAXIMIANO ANTUNES GURJÃO, RECENTEMENTE INAUGURADO.

SUMMARIO

TEXTO — Chronica Occidental, GERVARIO LOBATO — General Gurjão, R. — Caminho de ferro da Beira, J. B. — Theatro da Rua dos Condes, MAXIMILIANO DE AZEVEDO — João Baptista Schiappa de Azevedo, BRITO REBELLO — Successos do Egypto, R. — O abandono MONTENHO RAMALHO — Ephemerides Artistico-Litterarias, SILVA FERREIRA — Publicações.

GRAVURAS — Brazil, Monumento erigido na cidade do Pará, ao general Hilario aximiano Antunes Gurjão — General Hilario Maximiano Antunes Gurjão — Caminhos de Ferro Portuguezes, Viaducto de Varzeas no Caminho de Ferro da Beira Alta — Successos do Egypto, O Khediva Tewfik I — Canal de Suez, Ismailia João Baptista Schiappa de Azevedo — Eufims.

CHRONICA OCCIDENTAL

Todas as vezes que encontro no meu caminho uma occasião de ser desagradavel á lingua latina, esfrego contentissimo as mãos. Isto são contas atrasadas, velhas questões de mocidade, e por mais desagradavel que eu lhe seja, nunca serei mais do que ella o foi para mim. Odio velho não cança, é bem certo o dictado, e a sr.^a Marini veio trazer-me a occasião de servir um copinho de vingança — essa ambrosia dos deuses — ao meu odio incansavel.

O latim! oh! com a breca! quando me lembro do Moura da grammatica, só me applaca a ira contra todos os Mouras d'este mundo, o Moura da Trindade, que é um cavalheiro delicado e amavel, sem casos e sem verbos irregulares, que ás vezes já me tem passado alguns bilhetes de beneficio, mas que até hoje, em sua honra o diga — nunca me impingiu uma declinação sequer!

De todos os homens que mechiam em latim, na minha infancia, só um, um só, me era sympathico, e esse coitado! apesar de toda a sympathia que me inspirava, e de toda a bondade de que era feita aquella alma — uma alma que ninguem diria fadada para o latim! — fez-me passar bem maus quartos d' hora!

Era o dr. Macedo, um santo homem que não tinha R. R. no seu alphabeto de examinador, e que desceu ao tumulo sem nunca saber o que era fazer chorar uma creança.

Pois mesmo esse santo dr. Macedo, quando o latim me aproximou d'elle, me fez passar noites e noites em torturas. Não era d'elle, era do latim, está mais que provado.

Eu ia todas as tardes a sua casa dar lição. Era depois de jantar, d'inverno. As lições davam-se n'uma saleta atapetada, agasalhada, que seria extremamente confortavel se não tivesse uma grammatica do Moura.

Eu, entrava, sentava-me e conversava um bocadinho: depois o dr. Macedo encostava-se á mão, defronte de mim, e eu começava:

Justa Justæ Justo

Quando ia no dativo olhava para elle, a procurar-lhe no rosto um sorriso approvativo, que me enchesse d'orgulho. O dr. Macedo dormia a sonno solto. E eu estacava. Positivamente estava a perder o meu latim.

Esperava que elle acordasse: mas ás vezes o sonno prolongava-se e eu então passava por torturas infernaes:

— Que fazer? Se elle me fica aqui a dormir toda a noite? Nada mais facil; depois de jantar, com o agasalho confortavel da casa, com a digestão a fazer-se lentamente, com o meu latim, era quasi inevitavel! E que partido tomar? Acordal-o? Era envergonhal-o, humilhal-o diante de mim seu discipulo, que resistia a uma declinação, ao passo que elle, o mestre, não chegava ao accusativo. Ir-me embora? E quando elle acordasse? Esperar? E se elle dormisse toda a noite?

Um inferno que se agitava no meu cerebro. De repente elle abria os olhos, e eu então continuava logo, com uma precipitação delicada para que elle não desse pela longa pausa:

Iustorum Iustarum Iustorum

D'ahi a momentos, os olhos fechavam-se-lhe outra vez; e o inferno tornava a alojar-se-me n'alma.

E passavam-se assim todas as tardes d'inverno. Uma vez porém o caso foi mais serio.

Cheguei ás 6 horas — a nossa hora — a casa do dr. Macedo. Comecei a desdobrar o meu latim. Era receita prompta: dr. Macedo a dormir. Nessa noite ou fosse pelo contagio ou fosse porque me ouvira muito a mim proprio, os olhos começaram-se-me a cerrar e d'ahi a pouco sonhava como um fumador de haschich. O dr. Macedo acordou: achou-se então na minha situação de

todos os dias. Accordar-me? Era expor-me a uma vergonha. Ir-se embora? Não podia porque era o dono da casa, como aquelle homem da soirée. Esperou. Mas enquanto esperava adormeceu. Elle a fechar os olhos, eu a abrir os meus. Achei-me na situação d'elle. Esperei, mas d'ali a momentos os olhos tornaram-se-me a fechar. Eu a fechar-os elle a abri-los. Achou-se na minha situação. Esperou, tornou a adormecer, e assim, desencontrados, dormimos e acordámos durante muito tempo. Finalmente encontrámo-nos. Conjuguem um verbo e a lição deu-se por terminada. Sahi a correr. N'essa noite meu pae tinha um camarote em S. Carlos, cantava a Volpiñi por quem eu tinha uma lyrica paixão fatal e romantica. Cheguei a S. Carlos. Estava a porta fechada.

— E' que não houve espectáculo, pensei.

Mas então reparei que andava pouca gente pelas ruas, que as lojas estavam já fechadas. Lembrei-me de ver que horas eram. Era uma e vinte!

A lição de latim começára ás seis.

D'esse dia em diante o latim para mim riscou, e foi com immenso jubilo meu que a sr.^a Marini lhe deu uma catanada vigorosa.

Quod abundat non nocet, diziam os latinos com uns soberbos ares de sabedoria inpeccavel.

A sr.^a Marini que lhes diga se *nocet*, ou não.

Isto de *reclame* é bom, não digo que não seja bom, hoje nada póde prescindir d'um bocado de cartaz, mas é preciso uma certa mathematica na maneira de o ministrar.

Os francezes, que são muito mais espertos que todos os romanos, embora o sr. conselheiro Viale me fulmine com a sua indignação, bem dizem: *Il faut de la réclame mais trop n'en faut*.

A sr.^a Marini teve *trop*, sem que tivesse n'isso, faço-lhe completa justiça, a mais pequena culpa.

Não foi com certeza a illustre atriz, que é uma artista séria e digna, que mandou annunciar-se nos jornaes como rival de Sarah Bernhardt, como os acrobatas se annunciam rivaes de Blondin, e annunciar-se nos jornaes primeira notabilidade do mundo, como se se tratasse da rainha das aguas ou do rei dos tambores.

A sr.^a Marini que é uma artista seria, repito, e que é uma mulher intelligente, não podia deixar de ser completamente alheia a isto, mas o caso é que isto se fez, e que o publico quando entrou no Colyseu para ver a illustre atriz, queria ver ali uma atriz que fosse igual a Sarah Bernhardt, que lhe fosse mesmo superior, porque d'outro modo não poderia ser a primeira notabilidade do mundo.

Encontrou isto? Não encontrou, e vem d'ahi d'esse desastrado reclame a falta de *sucesso* d'essa atriz notavel, que em Italia e em Hespanha é muito considerada e querida.

Nós, porém, que conhecemos bem o processo de fabricar celebridades tanto antes, como depois d'ellas apparecerem, que não attribuímos á illustre atriz nenhuma responsabilidade na immodestia da sua apresentação pelos cartazes e jornaes, não lhe exigimos promessas a que ella foi completamente alheia, e vamos dizer francamente o que pensamos d'ella, com a mais completa imparcialidade, e afastando a idéa de confrontos já com Sarah Bernhardt, já com as atrizes italianas e portuguezas, que antes da sr.^a Marini estiveram em Portugal e fizeram papeis que a illustre atriz está fazendo agora.

A grande qualidade artistica da sr.^a Marini, é a pureza correcta de dicção, o seu grande defeito, a falta d'expressão physionomica.

Os musculos do seu rosto cheio e carnudo, não obedecem á sua vontade, d'ahi a dificuldade de traduzir n'uma expressão um estado d'alma, a impossibilidade de reproduzir as feições duplas d'um papel, quando os labios dizem uma coisa e a alma sente outra, a deficiencia physica para as grandes scenas expressivas do drama, e da comedia, em que ha tragedias medonhas n'uma contracção de musculos e gargalhadas ironicas, n'um sorriso que se esboça.

A essa physionomia um pouco baça e muda para a scena, falta tambem e sobretudo a vida enorme e possante do olhar.

Os olhos da sr.^a Marini não tem os relampagos fulminantes da indignação, nem as irradiações amorosas dos grandes affectos, nem as ironias espirituosas das delicadezas rendilhadas da comedia.

Uma atriz qualquer, sem talento, e com esta irremediavel falta de dotes scenicos, seria a mais detestavel das mediocridades; a sr.^a Marini, apesar d'essa falta, de que é irresponsavel, é uma atriz de primeira ordem, eis a prova mais frizante do seu grande talento.

A linguagem dos seus olhos é restricta, o seu rosto é mudo, e apesar d'isso a sr.^a Marini á força de talento e de trabalho, consegue supprir por vezes essa falta e mostrar-se uma grande atriz.

Aqui e ali é impossivel ao talento substituir os recursos naturaes, e então a sr.^a Marini fraqueja, não é vulgar, mas é deficiente, e vem d'ahi a desigualdade que até hoje se tem notado em todos os seus papeis.

Vejamus a *Fernanda* por exemplo: No 1.^o acto, a sr.^a Marini é uma atriz completa e irreprehensivel; não se pode ouvir melhor a descrição que Pomerol faz da espelunca do jogo, e ver com mais naturalidade as estranhas scenas do *tripot* da Senechal. Porque? Porque para fazer bem essas scenas o que é preciso é ter um bom talento artistico, uma bella intuição da verdade, e um estudo attento do real, e tudo isto tem em superior grau a sr.^a Marini.

No 2.^o acto, na scena entre Clotilde e André, a sr.^a Marini deixou muito a desejar, fez só metade d'essa scena, isto é, essa scena é dupla, ha n'ella duas coisas inteiramente oppostas, o que Clotilde diz a André, e o que Clotilde sente, que é naturalmente o contrario. A sr.^a Marini, disse esplendidamente o que tem a dizer a André, agora o que ella sente, é que é o contrario, é que ninguem viu. Porque foi esta deficiencia? Porque para mentir a André, basta o talento, e o estudo; para mostrar ao publico a alma, sentindo inteiramente o contrario do que os labios dizem, é necessario a expressão physionomica que a sr.^a Marini não tem.

No 3.^o acto da *Fernanda*, a senhora Marini ouve mal Pomerol, ella que o ouvira tambem no 1.^o acto. Porque? Porque no 1.^o acto Clotilde ouve Pomerol perfeitamente despreoccupada, não tem que estar a ouvir uma coisa, e mostrar pela expressão, que se passa no seu espirito um drama terrivel, no 3.^o, Clotilde ouve Pomerol, mas tem no espirito a preocupação enorme da imensa catastrophe por ella preparada, e que d'um momento para o outro Pomerol pode conjurar, não basta por tanto ouvir, é necessario que o rosto seja espelho d'alma, e o rosto da sr.^a Marini não obdece á sua vontade.

No ultimo acto ainda a primeira parte da scena de Clotilde com André, enquanto se trata de *dizer* a sr.^a Marini é excellente, no final, quando Clotilde sae, atirando ao marido encharcado em lama, a gargalhada da vingança, a sr.^a Marini é deficiente, porque ali é preciso que o olhar e o rosto mostrem a expressão infernal da vingança satisfeita.

Pegámos na *Fernanda* ao acaso, por ser a 1.^a peça em que se apresentou a sr.^a Marini.

O *Divorçons* por exemplo fel-o ella deliciosamente, accomodando o papel ás condições do seu typo physico: n'essa peça teve apenas um momento em que descahiu: foi na scena da embriaguez. N'essa scena era necessario que a ligeira *alegria* do champagne se mostrasse no olhar levemente envidraçado, n'um sorriso um pouco desvairado: a sr.^a Marini não ponde pelo olhar e pelo sorriso denunciar a pequena excitação do champagne, denunciou-a cambaleando ligeiramente, e o papel descahiu: ella bem sabia como aquillo se faz, mas não ponde fazel-o.

Na *Dora*, ainda o 1.^o acto é comprehendido esplendidamente e entretanto não é bem feito. Porque? porque a sr.^a Marini não pode com todo o seu bello talento, accomodar as *enfatilages* d'aquella criança, ao seu corpo robusto, e ao seu rosto de mulher. No 4.^o acto faz excellentemente a queda, quando o marido lhe foge; depende de talento e estudo: a indignação, quando reconhece as suspeitas odiosas de seu marido, é frouxa, fraca, porque lhe falta a exprimir-a os olhos e o rosto.

No *Demi-monde*, tudo o que é de dizer, esplendidamente, a scena do 5.^o acto com Jalin, magnifica: a scena com Nanjac anterior a essa deficiencia, porque n'ella, como na scena da *Fernanda*, é necessario que a expressão mostre que os labios mentem.

Tem-nos demorado extraordinariamente n'esta demonstração das qualidades artisticas da sr.^a Marini. Não o lamentamos, alem de Lisboa não ter acontecimentos, e da sr.^a Marini ser a unica novidade d'estes quinze dias, esta atriz pelo nome que traz lá de fora, e pelo talento que realmente tem, impõe-se as nossas attentões.

Não é uma mediocridade a quem se diz uma palavra de estimulo, ou uma amabilidade hospitaleira, e se passa avante. A sr.^a Marini é uma atriz notavel, e tem direito a que a critica a estude e a aprecie, sem benevolencias officiosas, e com justiça inteira. Para ser uma grande atriz completa só falta á sr.^a Marini o que ninguem lhe póde dar, nem o talento nem o estudo, as condições physicas que, juntas ao genio de Sarah Bernhart, fazem d'ella a atriz excepcional; mas essa mesma deficiencia de condições physicas demonstram evidentemente o grande talento e o poderoso estudo da illustre atriz italiana, que,

luctando com a falta de expressão physionomica, sabe ser uma actriz superior.

A companhia da sr.^a Marini tem artistas de merito notavel; a sr.^a Leigh, por exemplo, que é uma elegantissima e formosa mulher e uma actriz muito distincta, e sr. Leigh, um comico de talento que, sem ser isento de defeitos, tem um talento comico de primeira ordem, e uma individualidade artistica original, que por ventura se reproduz muito; o sr. Cesar Vitaliani, que é um auctor dramatico dos mais festejados da Italia, e um artista intelligente e distincto; a sr.^a Pavoni, uma ingenua de merecimento, e outros, de quem fallaremos proximo.

O resto das novidades da semana, é a sr.^a Spelterini, uma funambula que Lisboa viu já ha annos, e a appareição d'um jornal novo de caricaturas em que se estreou como caricaturista um rapaz amador de grande talento e vocação, o sr. Joaquim Costa.

Esse jornal chama-se o *Alfacinha*, tinha toda a vontade de lhe ser agradável e felizmente apezar de dispor d'uma linha apenas, posso-lhe fazer o maior dos *reclames*:

O redactor do *Alfacinha*, é Urbano de Castro.
Gervasio Lobato.

O GENERAL GURJÃO

O OCCIDENTE hoje publica o retrato d'um dos mais illustres generaes brasileiros, d'um dos heroes da guerra do Paraguay, a quem a provincia do Pará, sua terra natal, acaba agora de prestar a homenagem do seu reconhecimento e da sua admiração, erguendo-lhe o monumento, que damos tambem hoje em gravura.

E' longa e brilhante a vida militar do general Gurjão, a historia das suas façanhas está intimamente ligada á historia da guerra do Paraguay; a sua biographia é uma extensa narrativa de acções heroicas, e lamentando que a brevidade do espaço não nos permita acompanhar detidamente, passo a passo, essa vida gloriosa, vamos resumir em rapidas linhas as notas biographicas principaes d'esse nobre vulto que é honra e gloria da nação brasileira.

Hilario Maximiano Antunes Gurjão filho legitimo do major Hilario Pedro Gurjão, e de D. Anna Dorothea de Andrade Gurjão, nasceu na cidade de Bellem, capital do Pará em 21 de fevereiro de 1820.

Aos 14 annos as comoções politicas que agitavam o Pará, obrigaram-no a suspender os seus estudos, em que era já distincto e aos quinze annos começou a servir a sua patria, como soldado do corpo de voluntarios de Pedro II, creado para sustentar a ordem no Pará.

Apesar dos seus verdes annos, tomou parte logo nas luctas civis que então enlucavam o Pará, e foi notada a sua coragem e intrepidez.

Em 1836, fazendo já parte da primeira linha de caçadores 5 entrou nos combates de Acará, commandando uma força como primeiro sargento.

Restabelecido o socego, Gurjão terminou os seus estudos, e em 1839, já efficial do exercito foi encarregado de commandar as tropas que foram a Macapá submeter os revoltosos.

D'então até 1853 desempenhou importantes commissões, subiu postos, accumulou o serviço activo de soldado com o estudo das sciencias, e n'esse anno vamos encontra-lo já capitão do exercito e bacharel em sciencias mathematicas e naturaes.

N'esse anno partiu para o Amazonas a commandar o contingente da primeira linha, onde prestou grandes serviços, já suffocando uma sublevação militar, já delineando, como engenheiro, planos de quartéis e de fortalezas.

Em 1860 foi promovido a tenente coronel effectivo e a commandante do primeiro batalhão de artilheria no Rio de Janeiro, mas antes d'isso fôra em 1854 eleito deputado pela provincia de Amazonas, em 1857, condecorado com o habito de S. Bento de Aviz, e em 1858 eleito deputado supplente á assembléa legislativa do Pará.

Em 1863 o tenente coronel Gurjão sahio do Rio da Prata, a bordo do vapor *Cruzeiro do Sul*, fazendo parte da brigada expedicionaria a Montevideo.

Em 1865 assistiu á capitulação d'esta cidade, e depois á frente do 1.^o batalhão d'artilheria atravessou a republica do Estado Oriental do Uruguay para a provincia de Entre Rios, na confederação Argentina.

Em novembro do mesmo anno marchou de Talá Cará para o Rio Paraná, ahí, acampou em frente das fortificações paraguayanas que esteve bombardeando até 3 de março de 1866. Promovido a coronel, e feito commandante do 1.^o regimento d'artilheria a cavallo, assistio ao bom-

bardeamento e ataques da ilha da Redempção, tomou parte, com grande bravura, no combate do Passo da Patria, no d'Esteio Bellaco, no canhoneio do terceiro batalhão de artilheria e na batalha de 24 de maio de 1866, de que contribuiu muito para a victoria, facto mencionado na ordem do dia.

Em 7 de outubro do mesmo anno foi nomeado para commandar as forças da guarnição de Corrientes, onde sustentou, com grande sangue frio, todos os bombardeamentos.

Como commandante da divisão de infantaria tomou parte brilhante em repetidos combates, até que, em 18 de janeiro de 1868, foi promovido a brigadeiro, e a commandante das forças de Chaco. Em 21 de março do mesmo anno tomou ao inimigo a fortificação de Sauce, posição importantissima; tomou depois um reducto em Angustura, trabalhou em seguida na vanguarda das forças do general Argolo, e por fim praticou heroicidades no combate da ponte Itororó. N'esse combate o general Gurjão foi ferido no braço esquerdo, ferimento de que morreu aos 17 de janeiro de 1869, em Humaitá.

N'esse combate, em que as forças brasileiras encontraram o inimigo embuscado no matto, em força superior a seis mil homens, os soldados brasileiros tinham já perdido o animo e a esperança. O general Gurjão, vendo isso, desembainhou a espada, e galgou a ponte, a cavallo, brandando aos seus soldados:

—Vejam como morre um general brasileiro!

A coragem reapareceu em todos os espiritos, a ponte é tomada, graças á heroicidade do general Gurjão, que n'esta lucta enorme pela patria, recebe o ferimento que d'alli a semanas o havia de matar.

Aqui teem, a largos traços, a vida militar do general Gurjão; a vida intima do homem, resumia-se no amor da familia e na dedicação extrema por sua esposa, por seus filhos e por seus irmãos.

A provincia do Pará pagou agora a divida que tinha em aberto para com este grande homem. Uma commissão de cavalheiros paraenses, de que lamentamos não saber os nomes para o registrar aqui, mandou fazer um monumento á memoria do seu illustre e glorioso compatriota.

Esse monumento, de que foi empreiteiro o sr. João Ferreira Salgado, que deve ter sido já inaugurado na nobre cidade de Bellem, á hora em que escrevemos, é o que a nossa gravura representa.

O monumento é da altura de 16 metros, incluindo a estatua, que foi fundida em bronze, nas officinas do sr. José Pedro Collares Junior, em Lisboa. A estatua de bronze, que foi modelada pelo sr. Pedro Carlos dos Reis mede 3 metros. O monumento, todo de marmore portuguez foi executado nas officinas do sr. Germano José de Sales, no atterro da Boa Vista. Compõe-se de quatro estatuas representando a guerra, o valor, a lealdade e o merito, e de quatro leões. Tem em torno quatro baixos relevos, representando: o da frente a batalha da ponte Itororó, o de traz o desembarque das tropas brasileiras no Paraguay; os lateraes, tropheus de armas.

No segundo corpo do monumento, entre os leões, foram collocados nas quatro faces os seguintes disticos:

No da frente:

Tributo de reconhecimento da provincia do Pará ao mais distincto dos seus filhos na guerra do Brazil contra o Paraguay desde 1865 até 1870. Mandado erigir em virtude das leis provinciales de 2 de Setembro de 1870 e de 6 de Abril de 1880, administrando a provincia o ex.^{mo} sr. Dr. José Coelho da Gama e Abreu.

Na opposta:

Ao bravo general Hilario Maximiano Antunes Gurjão, nascido em Bellem do Pará a 21 de Fevereiro de 1820, e fallecido a 17 de Janeiro de 1869 por ferimentos recebidos no glorioso combate de Itororó, onde proferio as memoraveis palavras: Vejam como morre um general brasileiro.

Na direita:

*Estes morreram pela patria amada
Curtindo a fome, a sede e ardentes soes;
Marcam seus ossos do triumpho a estrada:
Seu premio? a gloria. Os nomes seus? Heroes!*

Na esquerda:

*Mantendo os brios nacionaes ergueram,
Da livre monarchia heroica fama:
Honra aos que assim seu berço embobreceram!
Gloria ao Pai que filhos taes proclama,*

Na face da frente do quarto corpo do monumento collocaram-se as armas nacionaes, e na face opposta as armas da provincia; na face da direita d'esse quarto corpo os nomes de

Montivideo, Itapiu, Passo da Patria, Estero Bellaco, Corrientes, Cururu e na face esquerda os nomes de:

Chaco, Sauce, Angustura, Itororó, Corrientes, os nomes das acções notaveis em que se distinguio o grande militar paraense.

R.

CAMINHO DE FERRO DA BEIRA

(Continuado do n.º 132)

O caminho de ferro de que tratamos veio não só trazer a vida, a animação e o desinvolvimento industrial á região que atravessa, mas tambem em algumas partes trouxe o melhoramento da salubridade, pela extincção de alguns focos de infecção.

As obras mais notaveis d'esta linha são, além das estações de que logo fallaremos, as seguintes, que apenas indicamos.

Sahindo da Figueira, sóbe a linha em rampa com uma inclinação de 0,015 por um trainel de 6.293^m,9 de extensão, passando a 1:400 m. por uma pequena ponte obliqua, chegando á trincheira e tunnel das Alhadas, as duas obras mais importantes da linha.

O tunnel tem 518 m. de extensão, e houve grandes difficuldades a vencer para que a sua abertura se podesse levar a effeito e em espaço de tempo relativamente curto.

Abriam-se alguns poços para que o trabalho atacado simultaneamente em varios pontos, podesse continuar sem interrupção. A abertura do primeiro poço, que foi o n.º 2, realisou-se a 26 de fevereiro de 1880. Abertos outros poços em agosto do mesmo anno, foram os trabalhos invadidos por grande quantidade de agua. Installou-se uma bomba locomovel no poço n.º 1, e abriu-se uma rigola no poço n.º 0 para a derivação da agua. Outra invasão e mais consideravel succedeu pelo fim de novembro, quando os estaleiros do poço n.º 2 foram inundados por uma quantidade de agua não inferior a 800 metros cubicos.

Não obstante estas e outras difficuldades, a pequena galeria estava toda perfurada a 26 de abril de 1881, e o tunnel completamente aberto a 8 de janeiro ultimo.

A linha entrando na mata da Foja atravessa depois por um pequeno pontilhão o valle da Asenha Nova; segue pelo valle de Liceia no fundo do qual se encontram duas pequenas pontas conjugadas, e ainda adiante de Murtede passa sobre outra pequena ponte o ribeiro do Canedo.

Os trabalhos d'esta linha da Figueira da Foz á Pampilhosa da Serra caminharão rapidamente.

Assignado o contracto provisorio para esta linha em 3 de setembro de 1879, depois de elaborado o projecto primitivo, e obtida a approvação do parlamento, só poude fazer-se a inauguração definitiva dos trabalhos a 10 de agosto de 1880.

Em tão curto espaço de tempo não se poderia ter feito mais. Foi empreiteiro o sr. Duparchy, que gosa reputação de habil e activissimo.

Entre as estações merece mencionar-se, como de direito, em primeiro logar a da Figueira, cabeça de toda a linha. E' de 1.^a classe, e alem do respectivo estabelecimento para passageiros, caes para mercadorias, tem uma cocheira para locomotivas, uma para carruagens e as indispensaveis officinas de reparação. Comtem tambem sobre estacadas afim de servirem á descarga directa dos navios. Até hoje importa o seu custo em cerca de duzentos contos.

A estação veio melhorar as condições da villa, porque foi assente e levantada, n'um sitio alagado onde até então havia grandes covas, quasi sempre cheias de agua estagnada. O proveito que este caminho de ferro deve trazer á importante e risonha villa da foz do Mondego, não se póde calcular, mas não é necessario ser muito propheta, para assegurar que ha-de ser immenso, e que a Figueira, que já ha certo numero de annos, tinha tomado desinvolvimento assaz notavel, caminhará agora rapidamente pela via do progresso.

As outras estações estão por emquanto designadas pela seguinte maneira, Alhadas, Montemor, Arazede e Murtede de 4.^a classe, Cantanhede de 3.^a classe, até chegar á da Pampilhosa.

É possivel que algumas d'ellas, como tem succedido com outras de outras linhas, venha a adquirir maior importancia; o futuro se encarregará do seu progresso, mas os homens tambem não devem esperar por elle, antes procurar promovê-lo.

(Continua)

J. B.

SUCESSOS DO EGYPTO

II

Esta obra importante, o canal de Suez, foi empreendida através do istmo do mesmo nome, começando em Port-Said, nova cidade levantada sobre o Mediterrâneo, e terminando em Suez, no seio do mar Vermelho. Tem 160 kilometros de extensão, e por esta facil communição se encurta o caminho da Índia e da Africa oriental, que até ahí se fazia pela carreira descoberta por Bartholomeu Dias e Vasco da Gama em torno da Africa, ou pelo caminho de ferro lançado através do Egypto, obra tambem projectada e executada pelos europeus.

Nos primeiros cinco annos foram os trabalhos lentamente executados pelos fellahs, trabalhadores mussulmanos, mas nos ultimos cinco em que Lesseps cuidou de empregar os trabalhos das machinas, desenvolveram-se elles rapidamente, e foram concluidos no meio do applauso das nações europeas e dos ciúmes da Inglaterra, que tinha tomado poucas acções.

Em breve reconheceram os inglezes a importancia d'esta obra monumental. Dentro dos primeiros oito mezes já haviam atravessado o canal mais de cento e cinquenta embarcações de todas as grandes e das diversas nacionalidades, e este movimento crescendo progressivamente nos annos seguintes, fez com que os filhos de Albion olhassem seriamente para o assumpto.

Não lhes escasseou ensejo de tomarem no Egypto a posição que parecia haverem perdido.



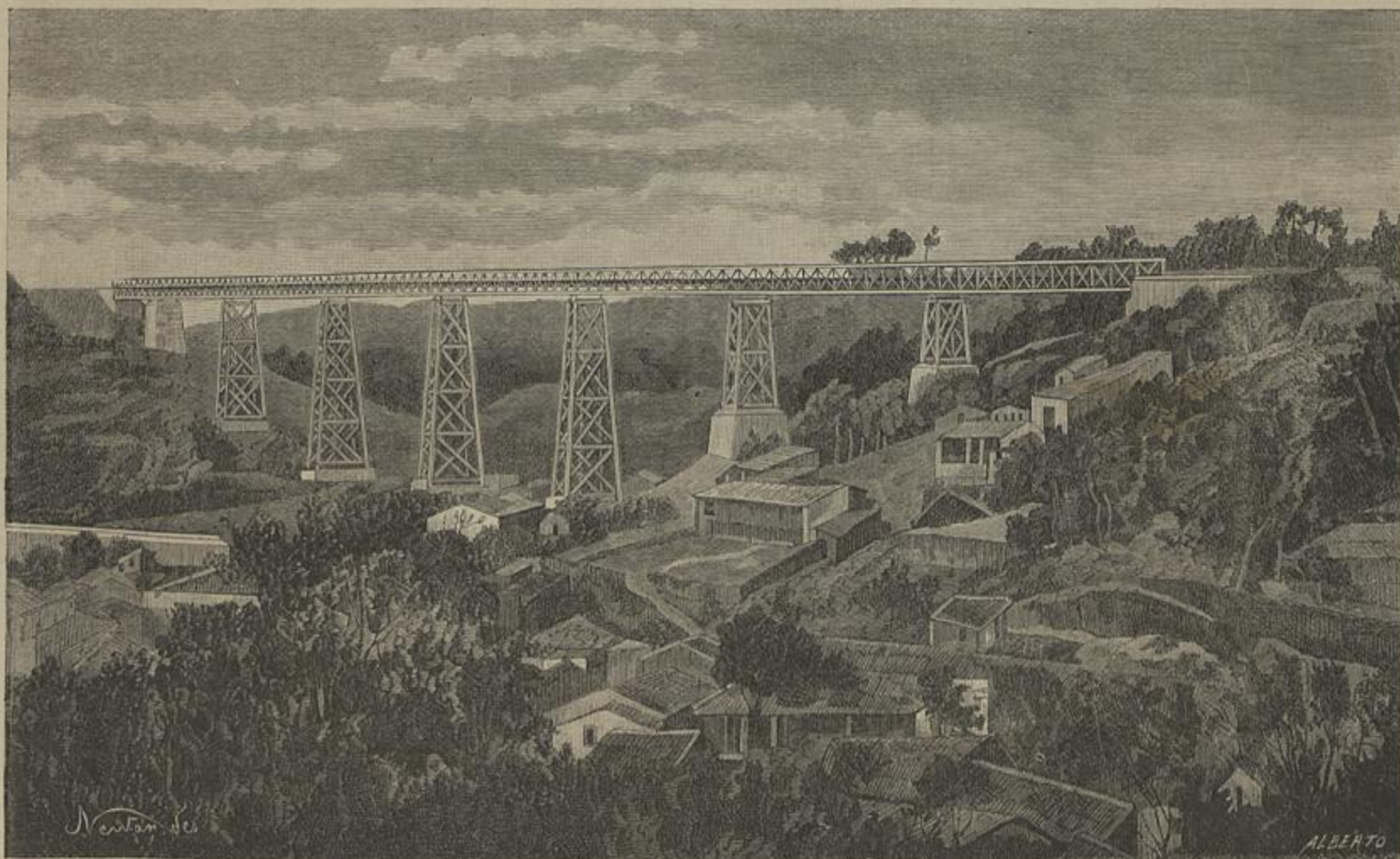
GENERAL HLARIO MAXIMIANO ANTUNES GURJÃO

As difficuldades financeiras d'esta nação foram crescendo a ponto de comprometter os interesses europeus, empenhados nos seus progressos. Este estado havia chegado quasi á banca-rotta, e foi necessario que as nações europeas interviessem officiosa e officialmente no assumpto. As grandes potencias formaram uma especie de congresso e em resultado d'elle, de accordo d'ellas e com a auctoridade do suzerano, o imperador da Turquia, foi deposto o khediva Ismail, e elevado a essa dignidade seu filho Mehemed-Tewfik, a 19 chaban 1296 (8 de agosto de 1879).

O khediva Tewfik tinha então 27 annos. Nascera em 1852 e recebeu a investidura a 14 de agosto. Seu pae abandonou o Egypto sem protesto, mas com tristeza, abraçando o filho, no meio do silencio respeitoso dos seus patricios Tewfik foi recebido e proclamado como uma esperanza e a salvação da patria.

O moço khediva tem costumes mais simples, e era casado d'esde 1873 com uma gentil princeza *Eminéh Hanem*, filha do fallecido principe *El-Hamypachá*, e o seu thalamo tem fructificado em tres filhos: *Abbas-Bey*, nascido a 14 de julho de 1874; *Mehemet-Aly-Bey*, em 1876, e a princeza *Kadshat-Hanem* em 1879.

N'esta transformação politica ganharam os inglezes a importancia que tinham perdido na empreza do canal. Como dissemos, os khedivas Said e Ismail haviam favorecido a empreza, para cujo fim haviam tomado a metade das acções do canal. Este facto dando facilidade a



CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES — VIADUTO DE VARZEAS NO CAMINHO DE FERRO DA BEIRA ALTA (Segundo uma photographia)

Lesseps para o desenvolvimento da obra, comprometteu as finanças do khediva, porque o juro d'esse grande capital, só mais tarde poderia compensar o sacrificio. Assim os inglezes aproveitando habilmente essa circumstancia, contractaram com o khediva tomar-lhe as suas accções. D'este modo, por esta habil transacção ficou a Inglaterra a primeira accionista do canal, ainda superior á França, e o khediva teve meios de poder regularisar alguns compromissos.

No convenio da deposição do khediva, e ascensão de Tewfik, ficou consignado que uma commissão europea, formada pelos representantes das grandes nações, tomaria parte como conselheira e consultiva nos negocios do Egypto, e até alguns dos seus membros fariam parte do governo, sendo o representante e inglez incumbido da fazenda egypcia.

Com quanto esta resolução fosse habil e proveitosa, decerto, para a nação egypcia, não se pode deixar de reconhecer que alguns espiritos mais energeticos e independentes, não se conformariam com ella facilmente, e no seu intimo buscariam meios de sair de uma situação que julgariam humilhante.

Dois annos duraram as coisas n'este estado, mas em setembro de 1881, achando-se o khediva no Cairo, rebentou uma sedição militar. Alguns coroneis á frente dos seus regimentos na força total de 4:000 homens e 30 canhões cercaram o palacio do khediva, pedindo a demissão do ministerio, a



SUCCESSOS DO EGYPTO — O KHEDIVA TEWFIK I

garantia de uma constituição e o augmento do exercito a 18:000.

Fôra uma das medidas da commissão europea a redução das despesas no exercito, e portanto o licenciamento de certo numero de soldados para o seu effectivo não exceder a 10:000 ou 12:000 homens.

O khediva quiz immediatamente apresentar-se ás tropas, mas os consules estrangeiros, tendo á sua frente o sr. Colvin, o *controller* geral britannico, dirigiram-se ao palacio e estabelecendo negociações com os amotinados, conseguiram que estes se accomodassem, mediante um decreto do khediva, que assegurava que para atender aos seus pedidos, chamava á presidencia do conselho de ministros Cherif-pachá, homem de muita influencia, gravidade e muito considerado no Egypto.

O khediva alem d'isso apresentou-se ás tropas, e estas acclamaram-no, e se bem não se mostraram muito descontentes, tambem não se mostraram completamente satisfeitas.

R.

O THEATRO DA RUA DOS CONDES

V

Depois da expulsão da Zamperini, variaram muito o repertorio e o pessoal artistico do theatro da Rua dos Condes.

N'um requerimento do empresario Paulino José da Silva, e de Henrique da Silva Quirtilha, dono do theatro, dirigido ao governo de D. Maria I em 15 de dezembro de 17:0, é pedida licença para se exporem ao publico «algumas pe-



SUCCESSOS DO EGYPTO — CANAL DE SUEZ, ISMAILIA



ças comicas e tragicas, representadas por homens allegando-se em favor da petição as avultadas despesas que os requerentes haviam feito no theatro, do qual pagavam decima á rainha. Recordava-se tambem o exemplo de D. João V e de D. José I que assistiram frequentemente ás representações theatraes, approvando-as assim com a sua presença.

Paulino da Silva, na presupposição de que bastava a licença do senado da camara de Lisboa, havia gasto um conto e duzentos mil réis nos preparativos do espectáculo, e teria que perder esta quantia no caso de lhe ser recusada a licença. Lembra em seu abono, que é um *traficante do bem*, e que possui limitados cabedais.

O intendente Manique, informando este requerimento, espraia-se, segundo o seu costume, em largas considerações tendentes a mostrar que era justo o pedido. Não põe em duvida que os santos padres condemnassem, nos primeiros seculos da Igreja, os espectáculos; mas reconhece que as obscenidades antigas tinham já desaparecido das representações scenicas, e julga portanto não haver motivo sério que oppôr-lhes, quando sejam realizadas *por homens unicamente*, visto que assim não podem receiar-se «os disturbios que se dão em grandes ajuntamentos das pessoas dos dois sexos».

Era isto o que mais preocupava o pudibundo intendente.

Na continuação do officio aconselha elle «que se estabeleçam as seguintes condições para a concessão da licença: não permittir-se a permanencia de mulheres para dentro das portas do theatro da representação (palco), bastidores, e casa de scenário e vestuário; não haver nos camarotes cortinas; prohibir-se a entrada no theatro ás mulheres de viver duvidoso «que vão servir de escolha á virtude», e finalmente sugerir ao exame previo da Mesa Censoria as *peças comicas*, afim de serem «purgadas no que respeita a religião e bons costumes».

Entendia Pina Manique dever permittir-se que em noites de beneficio fossem augmentados os preços dos logares, em virtude das maiores despesas d'aquellas recitas.¹

Em fevereiro de 1782 ainda Paulino José da Silva era empresario da Rua dos Condes, tanto que foi mandado prender por ordem do senado da camara, por ter augmentado sem licença os preços das entradas. Mandou-o soltar o intendente geral da policia, que julgou invadidas por aquelle acto do senado as attribuições que lhe concedia o alvará da criação do seu cargo, no que se prendia com a inspecção dos theatros, não considerando ao mesmo tempo que o empresario merecesse tamanho castigo.

Por aquelles annos, dil-o Volkmar Machado nas *Memorias* já citadas, juntaram-se nos theatros do Bairro Alto as companhias que trabalhavam n'este theatro e no da Rua dos Condes, e ali representaram o *Magico de Salerno*, o *João de Spina* e outras *obras magicas*, cujo scenario e tramoias, ou machinismo, foram executadas por Simões Caetano Nunes, que trabalhara até então para a Rua dos Condes.

No fim de 1782 estavam n'este theatro uns estrangeiros que desempenhavam com bonecos «algumas peças comicas, ao que denominavam representar d'improviso».

Constando na intendencia geral de policia, mediante participação do ministro inspector do theatro, que taes representações *envolviam algumas acções obscenas*, e que os estrangeiros que moviam os bonecos, repetiam *vozes contra a modestia e offensivas aos ouvidos das gentes, principalmente do sexo feminino*: foi advertido o empresario para ser mais cauteloso nos espectáculos que exhibia.

Mas os estrangeiros iam mais longe ainda, chegavam a repetir trechos de comedias, taes como a *Arte da Feitiçaria*, «animando-os com palavras em que invocavam o demonio», e apezar do aviso, continuaram com «esta instrucção perigosa para se consentir em taes logares» chegando o publico a dar-lhes repetidas pateadas.

Embora tivesse baixado uma ordem da rainha permittindo as representações, o intendente, á vista d'aquelles factos, determinou que o divertimento ficasse suspenso, por entender que a licença deveria cessar logo que o espectáculo produzisse escandalo. O contrario seria «perverter o fim com que se permittem as representações, que é o de reprehender o vicio e ensinar a moral, deleitando».

Continúa).

Maximiliano d'Azevedo.

JOÃO BAPTISTA SCHIAPPA D'AZEVEDO

I

Nós eramos como dois irmãos. Ou antes dois irmãos não se estimavam mais do que nós nos estimavamos.

As nossas relações eram como que tradicções e hereditarias. Seu pae e seus tios foram collegas e companheiros de meu pae e meus tios. Estes precederam os primeiros na eterna viagem, e como eu era mais novo e a minha educação seguiu um rumo diverso, foi mais tarde que nos encontramos.

Saia eu apenas da adolescencia quando as relações de nossa familia, um pequeno de tempo interrompidas, se tornaram a reatar.

Se os nossos maiores, tinham vivido em relações quasi diarias e nos ultimos annos tão estreitas que as casas se tocavam nas ruas da Vinha e do Loureiro, a aragem das novas idéas, fez com que as nossas se tornassem mais intimas e continuas, alimentadas por uma educação menos peada, e pela expansão natural não constrangida.

Desde então a sua casa era a minha, a minha casa era a sua. Fóra das horas escolares, ou das obrigações do serviço onde estava um, estava o outro. Dos seus companheiros de infancia poucos o acompanharam na sua carreira, e nós eramos como que o nucleo da mocidade escolar.

Eu trazia os mais novos e atrazados, elle os mais antigos, e era raro o dia em que na sua casa se não reuniam dez, doze ou mais rapazes.

A primeira tentativa de uma *Associação Académica* nasceu ali, ainda conservo alguns recibos de quotas. Todos estes rapazes que occupam hoje posições mais ou menos importantes, e alguns que já perdemos, estavam ali. O Campos brigadas, o José de Vasconcellos, o Elias Garcia, o Ribeiro, o Ricardo Cordeiro, o Cunha, o Victorio, o Delgado, os Bon de Sousa, o Freire d'Almeida, e outros formavam este grupo.

Elle estudava, elle conversava, elle ria, elle explicava a lição a muitos. Quantos moços de então iam procurar a luz da sua clarissima intelligencia! Sempre prompto não se recusava a ninguém; muita vez via a lição em pouco tempo, para explicar aos outros.

Quando acabava sahiamos de braço dado a dar o nosso passeio, longo e largo ás vezes.

Lembra-me um sujeito, já de idade, que se chamava, se me não engano Valverde, que ao encontrar-nos, depois dos cumprimentos, rematava sempre d'este modo: «hoje muito unidos, amanhã um para S. Petersburgo, outro para Nova-York!»

Por muitos annos foi quasi uma verdade a prophécia do bom Valverde; hoje a sua realisação é mais dura e triste.

A primeira vez que sahi de Lisboa, logo d'ali a oito dias me appareceu o João em Santarem. Era a sua primeira viagem, era a sua iniciação na carreira de minas, que havia de lustrar com tanto brilhantismo.

No anno seguinte, no mesmo dia em que eu tinha chegado a Albergaria, estando assentado á noite na hospedaria com os malogrados José Diogo Mousinho, Mourão e Faria, senti passos conhecidos, era elle que chegava. Passados tempos desviava um pouco a sua jornada, para me apparecer ao amanhecer em Aveiro. Em Albergaria muitas vezes ia ficar a minha casa, e então contava-me tudo o mais importante da sua vida.

Passavam-se tempos sem que tivesse noticias d'elle, de repente um dia, quando menos o esperava recebia uma carta de Hespanha, ou de outro ponto, e cada uma d'ellas resgatava pela extensão e noticias o longo intervallo de silencio.

Entre outras houve uma que principiava assim: «Vaes admirar-te de receberes uma carta minha dada da Galliza, depois de tantos mezes não teres tido noticias minhas; isto mesmo é a prova de que quando tenho um momento de descanço, depois da minha familia, o meu primeiro pensamento é para ti.»

Era então ainda solteiro.

II

Quando ainda eramos muito rapazes havia um homem que eu respeitava muito, que me fazia a honra de me tratar como filho, e em cuja casa apresentava os meus amigos mais intimos. Este homem era o velho general barão de Pernes.

Collega e amigo intimo de seus filhos no Collegio Militar, frequentava eu a sua casa quasi desde creança. O barão, militar da guerra peninsular, onde fora ferido gravemente na batalha dos Arapiles, de educação muito regular, intelligencia muito clara e acima do commum, talento natural, e artista como poucos, era um homem de phisionomia sympathica que attrahia. Os seus

longos e fartos cabellos brancos, a sua fronte elevada, olhos vivos, feições finas, maneiras desprezadas e faceis, a sua conversa variada e espirotoosa, concitavam os animos dos que se lhe acercavam, e quem falava com elle uma vez nem o podia esquecer, nem deixava de ter vontade de o tornar a vêr. Gostava muito do xadrez, e depois de me ter ensinado a marcha do jogo, passava noites a jogar commigo. Como eu era muito amigo dos meus amigos ia-lhe pedindo licença para lhe apresentar este, e est'outro, e assim conseguí satisfazer os desejos do barão e a minha necessidade de não me separar muito dos rapazes. Assim foi-lhe apresentado o João, que havia de casar com sua malograda filha, o José de Vasconcellos, que foi professor d'ella de francez e outros.

Depois que o barão se mudou para a casa da Quinta Velha, onde tantas das minhas mais santas affeições tem desaparecido, hiamos nós quasi todas as noites desde os lados da Patriarchal, onde moravamos, até á Carreira dos Cavallos, passar com aquelle sympathico velho algumas horas. Isto fazia um grupo de rapazes de 17 a 22 annos! Como os tempos mudam.

João Schiappa tinha um tio e seu padrinho João Francisco Regis Schiappa d'Azevedo, empregado no thesouro publico. Muitissimo intelligente e instruido, era um empregado d'estes que faziam epocha n'uma repartição. Fallecido elle por 1845, ou 46 em attenção aos seus serviços e merecimentos (ainda então se olhava para isto) foi admittido o sobrinho por amanuense na mesma repartição.

Seu tio tinha-lhe dirigido perfeitamente a educação litteraria, mas a sua morte viria quasi aniquillar esses bons principios, se não fosse a intelligencia e tenacidade do sobrinho. Em attenção ainda a seu tio foi-lhe permittido continuar o curso da escola Polytechnica de Lisboa onde se havia matriculado em 1844, devendo porém nas horas que lhe sobrassem das aulas, ou nos dias em que as não houvesse, ir fazer serviço na repartição. Além d'isso dava-se-lhe trabalho para fazer em casa, e lembra-me ainda que nas vespers d'um exame difficil o encarregaram com urgencia de parte do orçamento ou contas de ministerio, trabalho que se não fosse o auxilio de um tio e do irmão lhe teria causado grave prejuizo.

Muitas vezes a morte de um chefe antigo, a transferencia de outro, d'aquelles que haviam conhecido seu tio, respeitavam a sua memoria, e conheciam o sobrinho de pequeno, causava-lhe muitas inquietações de espirito, e obrigava-o a recorrer a novos pedidos, pedidos e representações sempre enfadonhas, e nem sempre macias de resolver.

Por este motivo, e pelo encerramento das aulas por virtude dos successos politicos de 1846 e 47 foi que elle concluiu o curso de engenharia em 1855, em maior numero de annos do que aquelle que lhe teria sido preciso para o seguir regularmente; e aqui está um exemplo, de que com o systema actual, se pode impedir que uma grande intelligencia possa estudar um curso superior.

Frequentou ainda a cadeira de montanistica e docimasia de novo creada na escola Polytechnica de Lisboa, sendo um dos poucos individuos que em Portugal tinham essa habilitação.

Concluidos os estudos passou para o serviço do ministerio das obras publicas, como engenheiro de minas, fazendo a sua primeira excursão em companhia do sr. Carlos Ribeiro em agosto ou setembro de 1855.

Brito Rebello.

O ABANDONO

ERRATA

Em consequencia de salto que houve na paginação do nosso precedente numero, deixámos de publicar os seguintes periodos d'este conto, que precedem e prendem com a parte publicada no referido numero:

Entretanto, os garotos quando chegaram ao mirante, caçados da fuga accelerada, sentaram-se logo todos, soltando exclamações porcas e frescologando demoradamente, na volupia do ar fresco que os invadia; alguns, compassivamente, disseram que era asneira grauda deixar lá em baixo o desgraçado Zé, sósinho; e o da Belizanda, grave e sincero, fallou mesmo em ir buscá-lo, coitadinho do próbe! Mas o Joaquim affirmava, casmurro, que não valia a pena perderem tempo, podia vir o dono e apanhá-los por causa do fedelho, e que a mãe d'elle, afinal, tinha boas pernas para o procurar, se quizesse. Os

¹ O original d'este e de outros officios de Manique aproveitados n'estes artigos existe no archivo nacional da Torre do Tombo.

outros pensaram maduramente no caso embaraçoso; enquanto que o Joaquim, impaciente, lhes repetia sem descanso que se não tratassem de se safar, talvez ainda se arrependessem. Porém, como uma resistencia formal se declarou, não, querendo os rapazes, decididamente, abandonar o Zé, que, conforme dizia um ajuizado, podia encher-se de medo e ficar com um tolhimento para toda a sua triste vida, o Joaquim teve a idéa fina de os distrahir habilmente, e pôz-se a dizer em voz abafada que tinha ouvido uma cousa, um barulho... Logo, todos se calaram, sobresaltados, e escutaram commovidamente; então, n'aquelle silencio ancioso, algumas folhas caindo eram ruidos que arrepiavam, e vagamente, todos os rapazes, mesmo o Joaquim, começaram a sentir o desejo immoderado de sahirem da matta rumorosa e traiçoeira. Uma pinha sécca e aberta despeçou-se d'um pinheiro bravo, batendo nas ramarias, e roçando-se asperamente pelo tronco, veio ferir uma pancada surda no chão humido; o Joaquim, farçante, fingiu-se tomado d'um susto incomportavel, e largando n'uma corrida estudada, como que hesitante, gritava atrapalhadamente:

— Fugide, rapazes, fugide!

Mas um que tinha visto cair a pinha barulhenta, replicou serenamente, satisfeito do seu bello socego:

— Foi uma pinha, foi uma pinha! Olha o medroso!

O outro, apprehensivo e d'ouvido attento, não queria convencer-se, dizendo que elle bem tinha sentido; e começava a contar já historias de lobos ferozes que sahiam repentinamente do matto, devorando em gaudios rosnantes muitas pessoas desgraçadas, quando o da Belizanda, que se gabava de saber como ninguem innumeras proezas fabulosas e terríveis de lobos famintos, observou desdenhosamente interrompendo o Joaquim ignorante:

— Isso é só pelas Neves...

E como elle, abalado mas teimoso, citava profusamente casos acontecidos — sem ser pelas Neves; todos se esqueceram logo dos barulhos mysteriosos, para se embrenharem encarniçadamente na discussão dos costumes barbaros dos lobos. De repente um, que tinha ficado meditativo e calado, declarou gravemente que «com aquellas friagens» era muito possivel que algum lobo atrevido se tivesse mettido para a matta; e ao mesmo tempo olhava muito em redor, fixamente, receioso, enquanto que os outros, impressionados, lhe seguiam os movimentos silenciosamente. Então, o Joaquim, mudo e tremulo, imaginou vagamente o Zé abandonado, já todo feito em postas pelo dente afiado do lobo; mas não sentia coragem para descer lá baixo, procural-o, e como o seu pavor indefinido augmentava, agarrou n'um impeto brusco as suas pinhas, e desatou a fugir desesperadamente. Isto desnortou os companheiros, pouco mais serenos; e todos correram vertiginosamente atraz d'elle, esporeados por medos nervosos e implacaveis.

(Continuado do n.º 192)

Aquella retirada imperceptivel do sol surpreendeu o Zé; e no meio do abandono entristecido da terra, o seu proprio mais doloridamente se accentuou. Lá para baixo, nas proximidades do poente encoberto, o ceu ataviava-se esplendidamente de manchas amarellas d'ouro e purpureadas, vacillantes; e a orla forte e grossa do amontoamento compacto das nuvens, tomava pittorescamente umas tintas rubras, enquanto que o azul ia perdendo a sua belleza limpida, obscurecendo-se na rapidez invasora dos crepusculos d'inverno. Então, o pobre pequeno começou a lembrar-se da noute, e um desespero ancioso apertou-o, asperamente, pondo-se todo tremulo a chorar baixinho, com medo de perturbar a sombra tragica que não tardaria a descer, ondulando negramente sobre as cousas como uma inundação de pavôr; só a espaços elle soltava uma lamuria breve e debil, em que chamava pela «sua mãe»; mas como nada podia responder áquella supplica entrecortada, a sua dôr cada vez crescia mais, e os soluços estrangulavam-n'o, repetidamente, convulsionando-lhe o peito. De repente, como a voz feminina que lá em cima, quando elle estava ao pé do pinheiro manso, o distrahiria e consolára, uma chiadeira enorme e desenfreada veio allivial-o d'aquella amargura immensa, atraindo-lhe vivamente a attenção beliscada; em frente, no caminho largo e commodo, viu ainda longe um carro de bois avançar, rolando pesadamente, sob o peso de grandes pedras quebradas, e no meio d'uma guincharia infernal d'eixos que nunca conheceram cebo, e por elle iam clamando inexoravelmente, em berros, queixas, e ameaças ensurdece-

doras e exquisitas, que se prolongavam escangalhadamente n'um formidavel, desconcertado estridôr em que parecia haver furias e dôres alternadamente accêsas. O Zé, muito interessado, conteve o chôr e enxugando os olhos inundados, velados de lagrimas, pôz-se a olhar attentamente para o carro, lento e ronco na marcha pausada dos animaes pujantes, cujas enormes manchas fulvas se moviam descaçada, n'uma bella serenidade de força bruta; a extraordinaria chiada esmorecia por vezes, quando a massa grosseira e pesada do carro se ia dobrando em voltas rapidas do caminho, para se reavivar desafortadamente ao longo das saliencias irregulares dos recostos; e o Zé, vendo os compridos varões trazeiros do carro assaltados por uma caterva feliz e regalada de garotos, que n'elles se penduravam e bambolevam deliciados n'um deboche barato de prodigios gymnasticos, teve uma inveja funda d'aquella alegria divertida, e, despeitado e vingativo, sentiu o desejo irritado de fazer queixa da sucia ao boieiro, que, adiante dos bois inquietos de caudas fastigantes, ia caminhando socegradamente, aguilhada ao hombro, fechado cuidadosamente na sua larga palhoça escorrida e dansante; mas comprehendendo que o homem não lhe ouviria a voz ciumenta, e foi ruminando intimamente a sua revolta de pequeno ente abandonado, seguindo sempre o movimento vagaroso do carro, desafiado e guinchante. Lá adiante, sobre uma torrente colérica e espumosa, que vinha caindo ruidosamente de penedo em penedo em altos cachões esbranquiçados e cascatas bravas, uma velha ponte de pedra arqueava-se, modesta e denegrida; o Zé lembrou-se vagamente de que seria bonito vel-a desabar, com um grande estrondo feroz, quando o carro fôsse a passar em cima d'ella, engulindo-o vorazmente, com bois e tudo, na sua medonha furia traiçoeira; mas até esse espectáculo innocente lhe faltou. Antes de chegar á ponte, o boieiro, agarrando-se ás pontas da junta valente, começou a pical-a e a gritar desesperadamente; os bois baixaram as cabeças, e com um esforço magnifico, fôram arrastando roncoiramente o carro por um atalho que subia em curva por entre castanheiros enormes, cujas ramarias nuas e embaraçadas, na distancia, se juntavam todas, confusamente, n'uma exuberancia continuada d'abobadas frias e tristonhas; e dentro em pouco tudo tinha desaparecido, enquanto que a chiada lamuriante e aspera dos eixos inexoraveis cada vez se distanciava mais, perdendo-se e sumindo-se, n'um enfraquecimento progressivo, que de novo ia entregando o rapazito, desapiedadamente, ao silencio assustador e acintoso da natureza immersa no crepusculo, batedor insinuante da noute.

(Continua)

Monteiro Ramalho.

EPHEMÉRIDES ARTÍSTICO-LITTERARIAS

(RELATIVAS A PORTUGAL)

1838. — Setembro 1. — É creado um jury, composto de litteratos e artistas, afim de decidirem algumas questões sobre artes e litteratura.

Os individuos que fizeram parte d'este jury, ficaram sendo membros do conservatorio pelo decreto de 27 de março de 1839.

A relação, que consta de 78 individuos, tidos como entendedores em assumptos litterarios e artisticos, vem no *Diario do Governo* n.º 212, de 1 de setembro do dito anno.

1838. — 2. — Representa-se pela primeira vez, em Lisboa, no Real Theatro de S. Carlos, a grande opera em 5 actos, de Meyerbeer «*Roberto do Diabo*», desempenhada pela Santine Ferlotti, Claudia Ferlotti, J. Paganini, Zamboli, Maggio-rotti, etc.

O libreto d'esta opera foi escripto por E. Scribe e G. Delavigne, sendo pela primeira vez representada em Paris na Academia Real de Musica, em 21 de novembro de 1831.

1873. — 2. — Sob a scena no theatro do Gymnasio Dramatico a lindissima comedia em 3 actos «*A Bola de Sabão*» esmeradamente traduzida pelo sr. Mariano Cyrillo de Carvalho.

Uma bola di sapone, de Victorio Bersezio, é uma bluette fugaz, viva, alegre, scintillante de graciosidade e de finura, e que captiva deliciosamente a attenção do espectador. Já havia sido representada no mesmo theatro pela Pasquali, Fortuzzi, e outros actores da companhia italiana, que antecedentemente ali havia dado algumas representações.

1845. — 3. — Mr. George Sutton, primeiro professor de physica e magia em Londres, dá a sua primeira representação no Circo de Madrid, sito na rua Oriental do Passeio Publico, em Lisboa.

Obteve grande successo, segundo dizem as folhas d'então. Entre outras sortes de prestigiação executava a chamada do Balde, que consistia em metamorphosear um balde suspenso no ar,

cheio com 108 canadas d'agua, em um ninho de pombos, que voavam em todos os sentidos do circo. Apresentou um automato fallante que atrahiu repetidas enchentes ao circo.

Este habil feiticeiro deu a sua ultima representação em 6 de outubro seguinte.

É preciso que se note, que no *Circo de Madrid*, casa de espectáculo que no seu começo fez as delicias dos nossos avôs, trabalharam artistas de incontestavel merito; Mr. Rattel, por exemplo, entre outros exercicios difficilimos, dava com summa pericia o duplo salto no ar.

1864. — 4. — Primeira sessão de prestidigitação e nigromancia, dada no theatro do Gymnasio pelo distinctissimo professor hungaro mr. Velle, considerado universalmente pela primeira notabilidade no seu genero.

Os trabalhos de mr. Velle foram tão bem recebidos nos nossos theatros que fizeram esquecer os do proprio Hermann, chegando algumas pessoas a julgar-o superior ao celebre prestigiador allemão.

A ultima sessão da serie foi em 13 de outubro do referido anno, dada em beneficio do asylo de N. S. da Conceição, no circo de Price. Em 11 de janeiro de 1865 deu ainda mr. Velle uma nova representação de magia e physica recreativa, no salão Meyerbeer, em beneficio d'um outro estabelecimento de caridade.

A mr. Velle foi dado pela imprensa o sympathico nome de *feiticeiro philantropo*.

1855. — 5. — O *Novo Hymno da Acclamação*, feito por Manuel Innocencio Liberato dos Santos, é escolhido por D. Pedro V, para hymno de sua real pessoa.

Foi executado pela primeira vez no dia 16, por occasião da grande parada, que teve logar pela acclamação do mesmo rei.

1824. — 6. — É condemnado em Roma o celebre livro — *Cidadão Lusitano* — Dialogos entre um liberal e um servil; o abade Roberto e D. Julio — escripto pelo abade Innocencio Antonio de Miranda.

Esta excommunhão vem publicada na *Gazeta de Lisboa*, n.º 296, do dito anno.

O livro teve grande extracção, por isso mesmo que era prohibido, esgotando-se em poucos dias duas avultadas edições.

O cardeal D. Carlos da Cunha prohibiu a leitura do *Cidadão Lusitano*, sob pena de excommunhão.

1855. — 7. — Representa-se no theatro de S. Pedro d'Alcantara, no Rio de Janeiro, o drama *Homem de Ouro*, do sr. José da Silva Mendes Leal, em commemoração do anniversario da independencia do Brazil.

O actor Faria, quando esteve no Rio de Janeiro, e ali se representou este drama, tornou-se muito notavel no desempenho do papel de protagonista.

1614. — 8. — Manuel de Sousa Coutinho professa no convento de S. Domingos de Bemica, tomando o nome de Frei Luiz de Sousa.

N'este convento permaneceu 19 annos e ali jaz sepultado.

1589. — 9. — Morre o notavel poeta Pedro de Andrade Caminha, que alguns collocam superior ao mavioso Diogo Bernardes.

As suas elegias são pobres de imaginação, mas escriptas em estylo elegante e cheias de encantadora ingenuidade.

1868. — 9. — É auctorizado o governo a reorganisar a folha official, intitulada *Diario de Lisboa*, o que depois fez pelo decreto de 11 de dezembro do mesmo anno, dando á mesma folha a sua primitiva denominação de *Diario do Governo*.

1741. — 10. — Nasce em Lisboa Nicolau Tolentino d'Almeida, o melhor dos poetas satyricos do seu tempo, e sem duvida um dos mais populares.

Falleceu em 24 de junho de 1811. Um dos nossos criticos mais bem conceituados, referindo-se a Nicolau Tolentino disse que elle é o poeta eminente nacional no seu genero, e que *Boileau teve mais força, porém não tinha tanta graça como o nosso bom mestre de rhetorica*.

As obras d'este poeta foram reeditadas em 1861, em Lisboa, pelos srs. Castro Irmão & C.ª em uma edição de luxo, illustrada por Nogueira da Silva e precedida de um estudo critico feito por José de Torres.

ERRATA

Pag. 190, col. 2.ª — nota onde se lê *Abu-ni-Melic*, lê-se, *Abu-ul-Melic*, — onde se lê *Ueschem* lê-se *Heescham*.
Pag. 191, col. 3.ª lin. 12 onde se lê *E* lê-se *Era*.
Pag. 191, col. 3.ª lin. 19 onde se lê *D. João V* lê-se *D. José*.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

HISTORIA UNIVERSAL, pelo dr. Jorge Weber traducção e notas de Delfim d'Almeida — Empresa Litteraria de Lisboa, editora. — Fasciculos 7, 8

e 9 sendo o fascículo 7 acompanhado de uma gravura: *Bremno pondo a espada na balança*. Esta obra recommenda-se tanto pela auctoridade do seu auctor como pelo economico da edição, que apesar do seu limitado preço está feita com todo o esmero.

PENA E LAPIS. *Revista artistica e litteraria* — Lisboa, n.º 5 e 6 correspondentes a julho ultimo. No n.º 6 declara a empresa que suspende a publicação até outubro em que continuará.

Á VOLTA DO MUNDO — Directores litterarios dr. Theophilo Braga e Abilio Lobo. Empresa Litteraria Luso-Brasileira, Editora, Lisboa. Estão publicados os n.ºs 13 e 14 d'esta magnifica publicação bimensal, illustrada de excellentes gravuras e bellos artigos firmados por distinctos escriptores.

Não recebemos os n.ºs 9, 10, 11 e 12 d'este periodico.

HISTORIA DE PORTUGAL ILLUSTRADA — Empresa Litteraria de Lisboa, Editora. Fasciculos 43 e 44 do 3.º volume com duas gravuras: *Um auto de fé, Primeiro Cerco de Diu — Defeza heroica do baluarte dos Rumes*. Está a concluir este volume e em breve estará concluida a obra toda.

SCIENCIA PARA TODOS. Redactor Francisco de Almeida, Lisboa. Temos recebido com a maior regularidade este magnifico periodico semanal, que vae tomando um grande desenvolvimento e que está prestando um verdadeiro serviço á instrucção do povo. Vae já em 33 de 26 de agosto ultimo.

APONTAMENTOS PARA A HISTORIA DE ANGOLA, Funchal, Typographia Funchalense — 1882; 8.º de 30 pag. N'este pequeno folheto, assignado pelo sr. Coronel Vasco Guedes de Carvalho e Menezes, governador militar do Funchal e antigo governador das provincias de Cabo Verde e Angola, explica e refuta o valente official as accusações que lhe foram feitas quando exercia este ultimo cargo e que determinaram a sua exoneração d'elle. Encerra documentos honrosos para a sua vida como alto funcionario.

D. PEDRO V — 1.ª parte: Esboço biographico. — 2.ª parte: O rei e o soldado, por Henrique Freire — M. L. da Silva, editor, Lisboa. — Com este titulo acaba o sr. Henrique Freire de publicar um interessante livrinho, o primeiro de uma serie destinada ás Escolas Complementares e approved pelo governo para esse fim. Este livro resume todos os factos mais importantes que tem relação com aquelle monarcha, alem da biographia, em que se faz inteira justiça ao seu caracter e ao empenho que o sympathico rei sempre teve pela instrucção publica no seu paiz.

DICCIONARIO UNIVERSAL PORTUGUEZ, collaborado pelos principaes escriptores — Henrique Zeferino, editor, Lisboa. — Está publicado o fasciculo 38, que alcança á palavra *Aurantiaceas*.

rentes mais ou menos remotos, e que é, ainda hoje, um dos receptaculos mais importantes da emigração do paiz, torna-se para nós muito mais interessante e necessario, pelas noticias exactas que nos fornece com relação áquelle riquissimo estado, com o qual a nossa industria, o nosso commercio e o nosso povo, conserva as mais estreitas relações. Os assumptos estão tratados com a precisão e clareza convenientes.

ELEMENTOS PARA A HISTORIA DO MUNICIPIO DE LISBOA, publicou-se o terceiro fasciculo d'este importante trabalho, que será um dos titulos honrosos que no futuro ennobrecerão a memoria da actual vereação, por ter comprehendido a importancia das locubrações e escavações feitas pelo seu intelligente archivista o sr. Freire d'Oliveira, no seu riquissimo archivo. A nota das propinas que contém este fasciculo é um documento curiosissimo, e que encerra muitos elementos historicos interessantes.

LA FEDERATION DES PEUPLES GRÉCO-LATINS. — Este numero de uma folha, que parece será periodica e que se refere a uma circular de 24 de junho ultimo, indica-nos a formação de uma sociedade de propaganda para a união dos povos gréco-latinos, *afim de contrabalançar pelo estabelecimento do panlatinismo, os perigos do pangermanismo realiado, do panslavismo em formação e do panislamismo renascente.* Estimamos muito que a federação possa levar a cabo a empresa que intenta, e que d'ella se possam colher os resultados já de ha muitos annos prenunciados com uma federação dos povos latinos. Traz importantes artigos e manifestações occasionadas pela morte do grande caudillo da unidade italiana — Garibaldi.



JOÃO BAPTISTA SCHIAPPA D'AZEVEDO — Fallecido em 11 de Agosto de 1882

(Segundo uma photographia de F. Ziskler)

BIBLIOTHECA DO POVO E DAS ESCOLAS. . . segundo anno, quinta serie — Lisboa, David Corazzi, editor. *Empresa Horas Romanticas, premiada com medalha de ouro na Exposição do Rio de Janeiro, 40, rua da Atalaya, 52 — 1882.* — Publicaram-se os n.ºs 35 e 36, contendo o 1.º: *O homem na serie animal;* e o 2.º: *a Chorographia do Brazil.* O 1.º que é um dos complementos da serie, que inicia pela *Introdução as sciencias physico-naturaes* e se continua pelos que tratam da *Zoologia* e dos *Mammiferos*, não fallando em outros troncos do mesmo ramo, é da maior importancia para nós. Dando-nos noticia completa da organização do corpo humano, e das diversas funções vitais, que a maior parte ignora como se exercem, e cujo conhecimento interessa ao regimen da vida. O 2.º, dando-nos em breve quadro a descripção da vasta região, nossa antiga colonia, que é hoje um imperio irmão, porque raro será o portuguez que alli não conta pa-

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente: Cautella e caldo de gallinha nunca fez mal ao doente.

1882, LALLEMANT FRÈRES, TYP. LISBOA
6, Rua do Thesouro Velho, 6

ALMANACH ILLUSTRADO DO OCCIDENTE

PARA 1883

PUBLICADO PELA EMPREZA DO OCCIDENTE

Prefusamente illustrado com gravuras portuguezas e uma linda capa em chromo-lythographia

Deve sahir em breves dias este interessante almanach, o mais elegante que se tem publicado em Portugal, e que no primeiro anno da sua publicação teve o successo mais completo.

PREÇO, EM LISBOA, 200 RÉIS

Para as provineias envia-se pelo correio a quem remetter 220 réis em estampilhas á **Empreza do Occidente**, rua do Loreto, entrada pela rua das Chagas, 42 — Lisboa, onde devem ser dirigidas as encomendas.

MUDANÇA

A EMPREZA DO OCCIDENTE mudou os seus escriptorios de Redacção, Administração e Atelier de Gravura, para a RUA DO LORETO entrada pela RUA DAS CHAGAS, 42. Lisboa.